

OS SENTIDOS DA ESCOLA NAS CONVERSAS DOCENTES DO *WHATSAPP*

Rosana Sales de Jesus¹
Rosemary dos Santos²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender como os usos do aplicativo *WhatsApp* podem potencializar práticas pedagógicas que contribuam para a formação continuada de professores. Usos esses que vêm dando sentidos e formas à cibercultura, que é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais em rede (SANTOS, 2015). A pertinência desta pesquisa inscreveu-se num amplo movimento da pesquisa multirreferencial (ARDOINO, 1998; SANTOS, 2005; e MACEDO, 2009) bricolando com a pesquisa com os cotidianos (ALVES, 2008; CERTEAU, 2009) em que o pesquisador não separa a prática pedagógica da pesquisa acadêmica. Ao trazer como dispositivo de pesquisa o *WhatsApp* encontramos nas conversas dos professores alguns princípios da cibercultura como o hipertexto, a interatividade, as múltiplas linguagens e a possibilidade de articulação e ressignificação de novas práticas cotidianas nos *espaçotempos* escolares. Assim, procuramos arquitetar e criar ambiências formativas emergentes, autorais e abertas que foram sendo cocriadas no processo da pesquisa. É isso o que nos interessa como possibilidade de compreensão de como essas práticas acontecem cotidianamente, mergulhando, sendo membro, interagindo, problematizando e acionando dispositivos que nos permitam perceber que as conversas com e de professores devem ser colocadas no centro do trabalho de investigação de nossas pesquisas, mostrando como cada um (re)inventa diariamente suas formas de atuar e de expressar suas diferentes perspectivas sobre a docência, sobre o pensar com/na escola e o contexto sociotécnico em que estão inseridos.

Palavras-chave: Pesquisa-formação. Cibercultura. Escola básica. *WhatsApp*

THE DIRECTIONS OF SCHOOL IN *WHATSAPP'S* TEACHER TALK

Abstract: This article aims to understand how the uses of *WhatsApp* application can enhance pedagogical practices that contribute to the continuing education of teachers. Uses that have given meaning and form to cyberculture, which is the contemporary culture structured by digital network technologies (SANTOS, 2015). The relevance of this research was part of a broad movement of multi-referential research (ARDOINO, 1998; SANTOS, 2005; and MACEDO, 2009) bricolating with the research with everyday life (ALVES, 2008; CERTEAU, 2009) in which the researcher does not separate the research. pedagogical practice of academic research. Bringing *WhatsApp* as a research

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da UERJ/FEBF; Linha de Pesquisa Educação, Comunicação e Cultura - Docência na Contemporaneidade: práticas e processos da Cibercultura. Membro do GPDOP - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura e Professora da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. E-mail: rosana.sales@terra.com.br

²Doutora e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) na Linha de Pesquisa: Educação, Comunicação e Cultura. Site: www.docenciaonline.pro.br. E-mail: rose.brisaerc@gmail.com.

device we find in teachers' conversations some principles of cyberculture such as hypertext, interactivity, multiple languages and the possibility of articulation and resignification of new everyday practices in school spaces. Thus, we seek to architect and create emerging, authoritative and open formative environments that were co-created in the research process. This is what interests us as a possibility of understanding how these practices happen daily, diving, being a member, interacting, problematizing and activating devices that allow us to realize that conversations with and of teachers should be placed at the center of our research work. research, showing how each one (re) invents daily their ways of acting and expressing their different perspectives on teaching, thinking with / in school and the socio-technical context in which they are inserted.

Keywords: Research-training. Cyberculture. Basic school. Whatsapp

LAS DIRECCIONES DE LA ESCUELA EN LA CHARLA DEL PROFESOR DE WHATSAPP

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los usos de la aplicación WhatsApp pueden mejorar las prácticas pedagógicas que contribuyen a la educación continua de los maestros. Usos que han dado sentido y forma a la cibercultura, que es la cultura contemporánea estructurada por las tecnologías de red digital (SANTOS, 2015). La relevancia de esta investigación fue parte de un amplio movimiento de investigación multirreferencial (ARDOINO, 1998; SANTOS, 2005; y MACEDO, 2009), que se relacionó con la investigación con la vida cotidiana (ALVES, 2008; CERTEAU, 2009) en el que el investigador no separa la investigación. práctica pedagógica de la investigación académica. Trayendo WhatsApp como un dispositivo de investigación, encontramos en las conversaciones de los docentes algunos principios de la cibercultura como el hipertexto, la interactividad, los múltiples idiomas y la posibilidad de articulación y resignación de nuevas prácticas cotidianas en los espacios escolares. Por lo tanto, buscamos diseñar y crear entornos formativos emergentes, autorizados y abiertos que se hayan creado conjuntamente en el proceso de investigación. Esto es lo que nos interesa como una posibilidad de entender cómo estas prácticas suceden a diario, bucear, ser miembro, interactuar, problematizar y activar dispositivos que nos permiten darnos cuenta de que las conversaciones con y de los docentes deben colocarse en el centro de nuestro trabajo de investigación. investigación, que muestra cómo cada uno (re) inventa diariamente sus formas de actuar y expresa sus diferentes perspectivas sobre la enseñanza, el pensamiento con / en la escuela y el contexto socio-técnico en el que se insertan.

Palabras clave: Investigación-formación. Cibercultura, escuela básica. Whatsapp

Introdução

O presente estudo é fruto da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, cujo título é “Os sentidos da escola em conversas docentes no *WhatsApp*” Considerando que as conversas que se estabelecem entre os professores, por meio do *WhatsApp*, *dentrofora*³ dos espaços escolares, são fundamentais para o entendimento do modo de vida de um grupo, de uma cultura e se constituem como elementos substanciais para criação de atos de currículos, objetivamos nesta pesquisa compreender como os usos do aplicativo *WhatsApp* podem potencializar práticas pedagógicas que contribuam para a formação continuada de professores.

Nas interações estabelecidas entre os elementos do grupo, realizamos um estudo exploratório das narrativas digitais tecidas em rede, fenômeno emergente da cibercultura. Para a investigação, analisamos as implicações prático-teóricas sobre como o contexto contemporâneo está fortemente marcado pelos usos das tecnologias digitais para diversos tipos de atividades políticas, sociais, econômicas e educacionais das conversas docentes no *WhatsApp*. Buscamos revelar a emergência dos usos das redes sociais e dos aplicativos(apps) nos dispositivos móveis como recursos férteis para a formação docente, através da seguinte questão norteadora: Que sentidos e significações são produzidos nas periferias que reverberam nas práticas pedagógicas a partir da dinâmica cibercultural?

Para isso, na realização desta pesquisa, inspiramo-nos na abordagem multirreferencial com os cotidianos para refletirmos sobre as nossas práticas cotidianas, considerando que uma pesquisa não se reduz ao ato de coletar, selecionar e categorizar os dados, mas se tornam significativas quando produzidas com os *docentespraticantes* (CERTEAU, 2009). Na pesquisa multirreferencial com os cotidianos, os dados são as narrativas dos praticantes culturais que emergem no movimento da pesquisa.

As conversas no *WhatsApp* como dispositivo da pesquisa multirreferencial com os cotidianos

A pertinência desta pesquisa inscreveu-se num amplo movimento da perspectiva epistemológica da multirreferencialidade com os cotidianos, pois pensamos que seja “fundamental vivenciar uma metodologia aberta às emergências, ao novo, ao possível, ao acontecimento” (SANTOS, 2005, 140), que seja participativa, implicada, vivenciada em diálogo *praticateoriapratica*, construída no movimento da pesquisa, ancorada numa leitura plural, desvelando insatisfações, ausências, desconsertos, dificuldades que são próprias da realização de pesquisas com seres humanos. Desse modo, fundamentados no

³Adotamos o uso dos termos *espaçostempos*, *dentrofora*, entre outros, escritos de forma diferenciada, pois nos inspiramos no referencial teórico de Alves (2008) sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para a autora: “a junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”. (ALVES, 2008, p.11).

paradigma da complexidade (MORIN, 2006), buscamos brincar os fundamentos teóricos da abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2012), que valoriza o diálogo entre saberes científicos e saberes comuns, com a abordagem da pesquisa com os cotidianos (CERTEAU, 2009; ALVES, 2008), que enfatiza as práticas pedagógicas.

O contexto da pesquisa foi o grupo criado no aplicativo *WhatsApp* em 28/03/2016, pela direção de uma escola pública do Município do Rio de Janeiro contígua a uma área conflagrada pela violência. Em 2017, período selecionado para esta pesquisa, contava com 37 participantes, em que 35 eram professores e 2 profissionais da parte administrativa. A abertura do grupo tinha como objetivo primeiro ser um canal de diálogo entre gestão e professores, otimizando e facilitando a troca de informações dentro do ano letivo. Essa finalidade foi logo ressignificada pelos docentes: as conversas aligeiradas que aconteciam durante o horário escolar estenderam-se para o grupo do *WhatsApp* da escola.

E refletindo sobre as conversas tecidas no dispositivo com e pelos professores, nos questionamos: como traduzir em palavras o que os professores, praticantes desta pesquisa, colocam de forma tão generosa sem deixar de lado os sentidos expressos nessas conversas, sem usá-las friamente, como dados prontos a serem analisados, separados e categorizados de acordo com o modo hegemônico de se fazer ciência? É preciso experimentar outras formas de investigação científica, buscando compreender a rede de saberes presentes nas imagens, sons, silêncios e falas, ou seja, a imprevisibilidade de trazer as conversas como dispositivo de pesquisa. Com o dispositivo conversas no grupo do *WhatsApp*, produzimos novos conhecimentos, tecemos o caminhar da pesquisa, levando em conta a experiência autorizante do pesquisador e dos praticantes da pesquisa (SANTOS, 2015). Com efeito, desenvolver uma pesquisa multirreferencial com os cotidianos não é tarefa das mais fáceis, pois envolve vulnerabilidades e riscos.

Desse modo, a opção pela abordagem epistemológica multirreferencial com os cotidianos nos permite conversar com os professores e não sobre eles, olhar as faltas, dialogar com as certezas e incertezas, compreendendo, de modo plural, os processos formativos em que estamos inseridos. São os dados que emergem das conversas que nos move a quebrar a hegemonia de fazer a investigação a partir de uma abordagem metodológica prescritiva, dura, controlável, ancorada em perguntas e respostas frias sobre os *saberesfazer*s docentes nos *espaçostempos* da escola.

No diálogo entre teoria e empiria, tecemos caminhos para interpretar os dados que emergem dessas conversas. Para Santos (2015, p. 32), "a narrativa dos praticantes culturais e os demais recursos constitui recursos extremamente férteis apresentados no corpo do texto analítico e como fonte de densa interpretação". Por isso pesquisamos com, em parceria, no entrelaçar dos fios tecidos por nós e com os outros. Inventando e recriando caminhos tecidos no coletivo e buscando compreender de forma plural as "maneiras de fazer" (CERTEAU, 2009) desses praticantes.

SOMOS UMA ESCOLA DE PERIFERIA! os movimentos *dentrofora* das redes educativas

Ao trazermos as narrativas dos professores, conversamos, inicialmente, com estudiosos das questões ligadas à periferia, pela localização da escola, que fica próxima a uma conhecida favela do Rio de Janeiro, e por encontrarmos nessa rede educativa os praticantes desta pesquisa. A concepção dos de *dentrofora* e as representações negativas do que seja uma favela são conceitos fundamentais para problematizarmos o nosso dispositivo de pesquisa: as narrativas digitais que emergem do grupo dos docentes do *WhatsApp* de uma escola de uma favela da periferia. O grupo do *WhatsApp* da escola, local marcado por ser um bairro residencial, mas com um entorno muito violento, surge como um espaço de troca de mensagens indissociável do ambiente externo. Conforme expomos nas narrativas abaixo, é possível observar, pelo olhar do outro, a representação estigmatizada que carrega a escola pública, principalmente, as que recebem alunos de comunidades carentes:

Diretor 2: #Somos escola Pública Sim #Somos Zona Norte sim #Nossos alunos são de comunidade sim...# em Breve seremos referência no Bairro sim.

Professor Sala de Leitura: Palmas! Vote no diretor!!!

Diretor 2: rs! desculpem o desabafo e pq hoje eu e a diretora ouvimos uma fala bem preconceituosa referindo-se aos nossos alunos.

Professor 1: NOSSA! Que Horror.

Diretor 2: são desse jeito mais são nossos... se alguém pode falar deles somos nós uma família./ o "mais" foi o perturbado do corretor ortográfico..não reparem...

Professor Sala Leitura: Acreditamos q estamos plantando sementes... 🌱 vamos fazer o melhor por eles!!

Diretora 1: Isso aí, adjunto!!!/ Não somos submundo!!!

Professor Reforço 1: Perdi a treta!

A narrativa "Somos escola Pública Sim #Somos Zona Norte sim #Nossos alunos são de comunidade sim...# em breve seremos referência no bairro sim" surge depois da conversa entre a direção e um responsável que havia matriculado o filho, oriundo de escola particular. A responsável, insatisfeita com o comportamento de alguns colegas da turma do filho, depositou todo desagrado no fato da escola ser uma unidade pública e, portanto, local de bagunça, desordem, onde os alunos eram "marginais". Para muitos responsáveis, ter o filho estudando em uma escola pública é um castigo. Após essa discussão presencial, a direção compartilha o fato, em tom de desabafo, no grupo de professores do *WhatsApp*.

A fala do diretor 2 ao projetar que a escola será referência no bairro e na Coordenadoria Regional de Educação (CRE) nos faz entender o dispositivo de conversa

como um potente *espaçotempo* para sinalizar ao grupo que algo precisa mudar. Nesse sentido, depreendemos que as conversas coletivas propiciam o pensar sobre a escola, o local que está inserida, como é vista pelo olhar dos outros - os de fora - e como é vivida pelas pessoas que habitam o espaço escolar - os de dentro. Essas negociações de sentido nos remetem a dizer que as narrativas dos/nos cotidianos possibilitam ver que esses movimentos estão *dentrofora* das redes educativas.

As narrativas digitais estão inseridas em um contexto muito maior e é através dessas narrativas que damos sentidos à realidade humana. São nas conversas que observamos a percepção negativa sobre a escola pública de periferia que recebe alunos oriundos de favela e que, por isso, ao olhar dos de fora, apresenta-se como uma extensão dela. O espaço escolar público adquire caráter depreciativo, pois "em torno desses espaços construiu-se no imaginário social uma série de mitos ligados à pobreza, à violência e à criminalidade, estigmatizando quem nele habita" (FREIRE, L. 2008, p. 108). Conviver com a violência no ambiente escolar e no entorno é uma realidade que está posta. São nas conversas em grupo que assumimos posições, compartilhamos experiências, fazemos negociações e coproduzimos sentidos como veremos a seguir:

Diretora 1: PALAVRAS DO SECRETARIO DE EDUCAÇÃO. LEIAM ATÉ O FINAL. ELE SINALIZA AÇÃO NA QUINTA CONTRA A VIOLÊNCIA! AOS PROFESSORIAS DO ENSINO PÚBLICO. /1. Na quinta-feira, 30 de março, nossa aluna Maria Eduarda Alves da Conceição, de treze anos, foi baleada e morta nas dependências da escola Jornalista Daniel Piza, em Acari(...). Neste momento, inclino-me a sugerir que todas as nossas 1.537 escolas dediquem a próxima quarta-feira a realizar debates, reflexões, ações de mobilização e preparação de materiais em torno do tema da violência e da necessidade da paz, para que na quinta-feira, quando se completará uma semana da morte da nossa aluna, saíamos juntos às ruas, pacificamente e sem conotações partidárias, para dizer ao povo do Rio de Janeiro que é hora de começar a reconstruir as condições da convivência em nossa cidade.(...)

Professor de Português 1 comenta Diretora 1: Por incrível q pareça, eu, salaLeitura2, SlaLeitura1 e Geo2 estamos pensando em atividades sobre o assunto violência. Não entreguei a vcs, pq ainda é um rascunho feito para a atividade com os computadores, Diretora1.

Professor Português 1: Mas será q um projeto de escola resolverá um problema q é muito maior?

Professor Primário 2: Eu não trabalharia sobre a violência, acho que trabalharia a bondade, educação, fraternidade, parceria, verdade, outros conceitos bem positivos... A violência eles já conhecem... (penso assim). Precisamos elevar os bons exemplos, sermos espelho, acredito q trabalho direcionado aos tipos de violência não acho muito legal. /É só minha opinião, gente! /Não quero causar polêmica.

Professor Português 1: Mas a violência existe! E muitas das vezes, ela está implícita! Passamos por ela, cotidianamente, e nem percebemos. Isso acontece muito nos casos de violência contra a mulher.

Professor Primário 2: De a forma comportamental, participativa, que façam eles perceberem que a pessoa não precisa ser "favelada" por morar na favela.../Não precisa roubar, pq todo mundo rouba.

Professor Primário 2: Então...Isso acontece pq aonde eles vivem é assim e eles só têm isso na rotina/Sei q Tb não é fácil e nem rápido esse processo, mas quem sabe, não conseguimos mudar pelo menos esses conceitos q eles aprendem erradamente por lá.

Professor Português 1: Mas, partindo da minha disciplina, eu quero trabalhar com o significado do termo antes de tudo. E depois partir para outras questões.

Professor Português 1: Penso q não só eles passam por isso. Algumas situações q vivenciamos são atos de violência e não nos damos conta disso. Situações q acontecem como uma brincadeira, pequenas fofquinhas e q vão respingar lá na frente. Enfim, são muitas as interpretações e direções para podermos refletir...assunto polêmico.

Professor Português 1: Lembrei q na 1 reunião, discutimos, rapidamente, a possibilidade da escola tratar do assunto, tendo em vista a situação dos arrastões na praia, do vandalismo nos ônibus do Jacaré, de alguns alunos da rede q estavam participando das badernas, etc. Não lembro se decidimos alguma coisa...

Em decorrência de um trágico acontecimento, a morte da estudante Maria Eduarda, foi solicitado pelo antigo Secretário de Educação do Município do Rio de Janeiro (SME), em 2017, senhor Cesar Benjamin, que as escolas desenvolvessem atividades sobre a violência e a paz e lançou a campanha contra a violência nas Escolas da Rede Municipal de Ensino, utilizando as interfaces sociais por meio da #arvoredapaz. O movimento "Aqui é um lugar de paz" defende uma escola sem violência, sem humilhações, sem racismo, sem preconceitos, sem drogas. Como foi desenvolvido pela SME, sem contar com a presença dos docentes das escolas das áreas de conflito, o projeto provocou um intenso debate nas escolas e nos grupos de discussão nas redes sociais sobre o que seria para alguns uma possibilidade e para outros uma "imposição" de se trazer o tema violência para dentro das escolas. As narrativas acima ratificam a fala da pesquisadora Das (MISSE *et al.*, 2002, p.346) para a revista Dilemas, na qual disse que "o debate sobre o que constitui a violência é importante - mas sua resolução é menos interessante do que as questões que ele levanta."

As narrativas revelam tensionamentos, fatos que ocorrem cotidianamente e são repletos de significados e, por isso, a escola não pode se abster de discutir e refletir sobre eles. Sobre isso, remetemo-nos ainda a Das (MISSE *et al.*, 2002, p. 335) ao questionar

"Como negar ou obscurecer experiências culturais específicas de sofrimento e as atrocidades e situações extremas que as provocam?". Não há espaço para o silenciamento. As narrativas tecidas dão pistas do trabalho que os professores querem construir e os desafios que deverão enfrentar. Através delas, refletimos sobre as nossas práticas cotidianas em coordenação com as narrativas de outros sujeitos.

As conversas sobre a escola, os modos como trabalhamos e vivemos permeiam todos os *espaçostempos* das narrativas. Em diversos momentos, o *WhatsApp* é o dispositivo utilizado para trocarmos informações sobre os conflitos na comunidade e/ou situações de violência na cidade do Rio de Janeiro. Observamos que as conversas tecidas em rede não estão dissociadas do ambiente externo. Segundo (ZIBECHI, 2015, p. 23):

As periferias urbanas representam uma das fraturas mais importantes de um sistema que tende ao caos. É nelas onde os Estados têm menor presença, onde os conflitos e a violência que acompanham a desintegração da sociedade fazem parte do cotidiano, onde os grupos têm maior presença, a ponto de conseguirem, por vezes, tomar o controle dos bairros pobres.

Escolas em fronteiras de favelas dominadas por traficantes rivais têm um desafio ainda maior dentro de um contexto de educação em área conflagrada. Rotinas banais são alteradas, pois os constantes confrontos entre o tráfico e incursões da polícia acontecem sem hora marcada, muitas das vezes, no período em que as crianças estão nas escolas. Acreditamos que a falta de rotina escolar provocada pela violência seja o principal desafio para o aprendizado dos alunos.

Ações são elaboradas pela Secretaria Municipal de Educação (SME), no intuito de criar um ambiente escolar mais prazeroso para os alunos e alguns professores começam a se posicionar sobre a pertinência do que é proposto, como expandir o ensino de música nas escolas, sem antes discutir o projeto com os docentes. Por que ainda existem propostas pedagógicas que vêm de cima para baixo, sem considerar as vozes de quem está dentro dos muros da escola? Entendemos que "é através das conversas que podemos também pesquisar como as pessoas se posicionam e são posicionadas em relação a determinado tema e/ou em contextos específicos" (SPINK, 2011, p. 243), como veremos a seguir:

Professor Português 1.: O Secretário de Educação escreveu há pouco no *Facebook*:

Antes de sair da secretaria escreverei um memorando sobre a expansão do ensino de música nas escolas. Estamos importando a experiência do Projeto Som Mais Eu, que já formou muitos instrumentistas mirins em comunidades. Nosso programa Orquestra nas Escolas começa em trinta escolas neste ano e vai a 150 em 2018, atingindo 45 mil alunos, somando-se ao trabalho de educação musical que já é realizado na rede. Ainda não pudemos contatar todos os nossos professores de música, mas vamos avançando, passo a passo.

Nossos alunos assistirão apresentações de instrumentistas considerados eruditos -- viola, violoncelo, trompa, trompete etc. -- como primeiro passo para o aprendizado de um instrumento. A meta é formar 80 mil instrumentistas até 2020. E terminar a gestão com uma orquestra sinfônica dos alunos da Rede Municipal de Educação. Tomara que o sonho se realize. Música é paz.

Professor EF 1 comenta Professor Português 2: Tomara que seja bem-sucedido... /Mas para isso, precisará de músicos específicos de cada instrumento... /O Música 2 é pianista, poderia dar aulas de piano.../Mas para tal, isso não funciona numa turma. A de 35! E sem piano... /Para além disso, para ensinar trompas ou oboé, vc precisa de um professor de trompa e oboé...É específico! /Sou professor de educação física, mas não consigo dar aula de capoeira ou balé... Entende Português 2? /Para além disso, ensinar fagote, ou qualquer instrumento, talvez a turma tenha 3 a 5 alunos no máximo! /A prefeitura pagará uma turma de 5 alunos? /Ela quer projeto onde 1 professor faz a vez de 6 ao mesmo tempo! /Tomara que consiga, mas não vejo Horizonte...

Professor EF 1: As escolas não possuem nem instrumentos de percussão, chocalhos, ou todos de madeira para marcação de ritmo... Falta sala de música... /Tipo a cidade olímpica que não compra material de educação física, e só tem 1 quadra a cada 3 escolas....

Professor Português 2 comenta Professor EF 1: Bem, eu não sou especialista nessa área, mas sempre pensei (e isso vem de priscas eras) q música, educação física podem transformar a rotina da criança dentro da escola, principalmente dentro das comunidades carentes. Isso penso há muito tempo, sem qq ligação com chefias...inclusive, sem ter nenhum conhecimento, inventei de criar um coral (😞😞😞), enfim, não precisamos de dia específico para falar da paz e tb não precisamos de um projeto para fazer emergir o q quer q seja em nossas escolas. Cada escola tem a sua realidade e necessidade e poderá construir o seu projeto pedagógico e identidade.

Para Zibechi (2015) é certo que nas periferias emergem as mais importantes fraturas, como as de raça, gênero, classe e etnia, mas também há esperança. As conversas indicam que existem fraturas, entretanto, para o autor, considerar os anseios de quem vivencia esses *espaçostempos* escolares é essencial, pois carregam mundos de prática (CERTEAU, 2009), que aliados à teoria podem ter resultados mais significativos.

Os docentes percebem que as situações que, cotidianamente, vivenciam e as implicações do vivido *dentrofora* do espaço escolar não estão distanciadas de um contexto muito maior e complexo e compreendem que as realizações nascem de um sonho, da vontade de conhecer o desconhecido e, mesmo diante das dificuldades de educar em situações adversas, assumem comportamentos que se pautam na defesa de suas concepções do que seria mais adequado na realização de um projeto.

Trazer as narrativas que emergem no dispositivo *WhatsApp* nesta pesquisa é pensar sobre a diversidade de histórias que são desveladas no uso do aplicativo e o quanto elas se constituem como modos de viver. Compreendemos que a emergência dos usos das redes sociais e dos apps nos dispositivos móveis como recursos férteis para a formação docente revelam histórias que ajudam na tomada de decisão, no posicionar-se em relação às questões que contribuem para que os sujeitos se reposicionem em seus desafios diários de educar na atual cena sociocultural.

Considerações finais

Na realização desta pesquisa, pretendemos investigar as narrativas digitais que emergem nos cotidianos do ambiente escolar de um grupo de docentes no *WhatsApp* e discutir como se dão essas conversas nas diversas redes educativas, que se revelam como um potente elemento para compreendermos à docência na cibercultura.

É isso o que nos interessa como possibilidade de compreensão de como essas práticas acontecem cotidianamente, mergulhando, sendo membro, interagindo, problematizando acionando dispositivos que nos permitam perceber que as conversas com e de professores devem ser colocadas no centro do trabalho de investigação de nossas pesquisas, mostrando como cada um (re)inventa diariamente suas formas de atuar e de expressar suas diferentes perspectivas sobre a docência, sobre o pensar com/na escola e o contexto sociotécnico em que estão inseridos.

Entendemos que a atual dinâmica cibercultural estrutura formas diversas de relacionar-se com o uso do digital em rede em tempos de mobilidade ubíqua, possibilitando novos *espaçostempos* de produção de conhecimento. As questões ligadas à periferia nos ajudaram a compreender e a operar conceitualmente com os elementos e astemáticas dessas representações no contexto escolar. Além disso, educar na cibercultura implica conviver com novos gêneros discursivos potencializados pelo uso do digital em rede. Algumas observações sobre o cenário de pesquisa-formação e o uso da interface pelos docentes permitiram conceber que, ao longo de todo o processo, os professores construíram histórias, narrativas de um fazer em construção.

Ao trazermos o dispositivo *WhatsApp* para a pesquisa, observamos as narrativas tecidas em um espaço reduzido, mas que ao mesmo tempo torna-se do tamanho do mundo pela abrangência dos temas tratados. Depreendemos das conversas entre os docentes que a falta de investimento na formação do professor e na estrutura da escola como um todo, não pode ser motivo para se perpetuarem as representações negativas sobre a escola pública.

Concluimos que pelas características do aplicativo *WhatsApp* o sujeito tem voz, que se reverbera nas vozes dos outros sujeitos. A pesquisa científica que traz essas conversas precisa ser inspiração para que, em encontro com outras vozes, torne-se um instrumento de resistência, reivindicações, conquistas e formação.

Referências

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de Oliveira. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et al, 2008.

ARDOINO, Jacques. Nota a propósito das relações entre a abordagem multirreferencial e a análise institucional (história ou histórias). In: BARBOSA, J. (coord.); revisão de tradução BARBOSA, S. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 42- 49.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Leticia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade?** Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. Revista Dilemas. Editora Garamond Ltda: Rio de Janeiro, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

_____, Roberto Sidnei. **Outras luzes**: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador, BA: EDUFBA. 2009.

MISSE, Michel *et al.* **Entre palavras e vidas**: um pensamento de encontros com margens, violências e sofrimentos. Entrevista com Veena Das. Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol.5, nº 2 - abr/maio/ jun 2012- pp. 335-356.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANTOS, Edméa. **Educação online**: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Salvador, 2005. Tese de doutorado. FAGED-UFBA.

SANTOS, Rosemary dos. **Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura**: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no Facebook. 2015. 183 f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SPINK, Mary Jane *et al.* **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 295-322.

ZIBECHI, Raúl. **Territórios em resistência**: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

*Submetido em 20 de março de 2019
Aprovado em 15 de julho de 2019*